

Narrativas da herança multicultural: televisão e identidade discursiva

Adriana Stürmer
Ada Cristina Machado da Silveira

Resumo: A análise de edições da série televisiva *Preserve o que é nosso* estuda a produção de sentido a partir de narrativas sobre os imigrantes de uma área específica do sul do Brasil — os Vales do Rio Pardo e Taquari. Trata-se, aqui, de observar de que forma as perspectivas da identidade-idem, ou mesmidade, e da identidade-ipse, ou ipseidade, entram em negociação para a construção da identidade discursiva. A inserção do programete no fluxo televisivo coloca em evidência, de maneira irretocável, o peso que uma negociação identitária adquire quando se considera uma audiência multicultural. As negociações envolvem ainda considerar os conflitos de interesses manifestos nas grades de programação entre a emissora local, a regional e a cabeça-de-rede nacional.

Palavras-chave: mídia; televisão; identidade

Abstract: *Narratives of the multicultural heritage: television and discursive identity* — The analysis of episodes of the television series “*Preserve o que é nosso*” (*Preserve what is ours*) studies the production of meaning based on narratives about the immigrants of a specific area in southern Brazil — the valleys of the Pardo and Taquari rivers. It involves observing how the perspectives of idem identity or sameness, and ipse identity or selfhood enter into negotiation for the construction of the discursive identity. The insertion of shorties in the television flow is indisputable evidence of the weight an identity negotiation takes on when one considers a multicultural audience. The negotiations also involve conflicts of interest between the TV’s local and regional stations and the national head of the network, which are manifested in the network’s programming schedule.

Keywords: media; television; identity

Introdução

A análise de edições da série televisiva *Preserve o que é nosso* estuda como a produção atua no que diz respeito à atualização e consagração da identidade discursiva constituída a partir de narrativas sobre os imigrantes de uma área específica do sul do

Brasil — os Vales do Rio Pardo e Taquari. Trata-se, aqui, de observar de que forma as perspectivas da identidade-*idem*, ou mesmidade, e da identidade-*ipse*, ou ipseidade¹, entram em negociação para a construção da identidade discursiva.

Na perspectiva da constituição do si, a mesmidade compreenderia a idéia de estrutura, de essência, definida como *caráter*, ou seja, “o conjunto das marcas distintivas que permitem reidentificar um indivíduo humano com o mesmo” (RICOEUR, 1991, p. 144) ou “o conjunto das disposições duráveis *com que* reconhecemos uma pessoa” (RICOEUR, 1991, p. 146).

O caráter revelaria uma estabilidade que é emprestada de hábitos e *disposições adquiridas* ao longo da vida. Essas disposições adquiridas são *sedimentadas* no caráter, recobrando a inovação, o *ipse*, que é a forma de permanência no tempo, feita na contínua relação com a alteridade: “a identidade de uma pessoa, de uma comunidade, é feita dessas *identificações-com* valores, normas, ideais, modelos, heróis, *nos* quais a pessoa, a comunidade, se reconhecem” (RICOEUR, 1991, p. 147). A ipseidade supõe uma perspectiva ética, uma promessa de corresponder à confiança na fidelidade: “quem sou eu; eu, tão versátil, para que *não obstante* tu contes comigo?” (RICOEUR, 1991, p. 198). O processo de identificação ocorre, portanto, no interior da dialética da inovação e da sedimentação, da mesmidade e da ipseidade.

O corpus da pesquisa

Ao estudar a mídia como construtora de identidade, tomou-se em consideração uma série de programetes produzida e exibida localmente por uma das emissoras da Rede Brasil Sul de Televisão — RBS TV, afiliada da Rede Globo —, situada no interior do Rio Grande do Sul. A série estudada denomina-se *Preserve o que é nosso*. Seus programetes, de aproximadamente um minuto, são exibidos nos intervalos comerciais do *Globo Repórter* e do *Domingão do Faustão* na RBS TV dos Vales, emissora sediada em Santa Cruz do Sul e cercada por Municípios dos Vales do Rio Pardo e do Rio Taquari, cujas histórias estão alicerçadas na imigração européia. A pujança econômica dos vales enfrenta a dificuldade de inserir na grade de programação da Rede Globo os conteúdos de interesse local. A produção o faz abordando as identidades locais, baseada no passado e por meio do argumento da preservação arquitetônica.

O “programete” é um produto de curta duração (de 45 a 90 segundos) que, veiculado no *break* comercial, conta, em geral, com vinhetas de abertura e/ou encerramento e, para ser caracterizado como tal, é necessária a veiculação de chamadas convidando o telespectador para assistir a ele em dia e horário determinados. A assinatura dos patrocinadores pode ser inserida no final de cada edição ou somente nas chamadas. O produto é um híbrido que se pode encaixar em categorias como entretenimento, informativo, publicitário ou mesmo educativo.

¹ *Mesmidade* (latim: *idem*; inglês: *sameness*; alemão: *Gleichheit*); *Iipseidade* (latim: *ipse*; inglês: *selfhood*; alemão: *Selbstheit*) (RICOEUR, 1991, p. 140).

Na primeira etapa da análise da pesquisa, foram transcritos todos os primeiros 40 programetes da série, veiculados entre setembro de 2002 e dezembro de 2006, para a posterior constituição de uma tabela com informações de cada programete. Esse procedimento permitiu levantar categorias que conduzem a análise e estabelecer o *corpus* a ser analisado, o qual foi definido a partir do cruzamento de duas informações, complementares entre si no que diz respeito à temática: a referência direta e verbal à etnia alemã ou à etnia italiana e a situação de intertextualidade proposta com discursos históricos sobre a imigração e colonização da região. Assim, fazem parte do *corpus* 16 programetes nos quais, verbal e *diretamente*, são mencionadas uma ou outra etnia e a história da imigração/colonização. Dos 16 programetes que fazem parte de nosso *corpus*, 8 remetem à etnia alemã e 8 à etnia italiana. Para dar conta de nosso estudo, optamos por selecionar dois programetes para compor nosso *corpus exemplar de análise* (ExA) — com o qual trabalharemos o tempo inteiro — sendo que os 14 restantes passam a compor nosso *corpus complementar de análise* (CA), ao qual iremos nos remeter para ilustrar as questões apontadas no *corpus exemplar*.

Cada emissão da série entra no ar sem vinheta de abertura, mostrando sempre imagens tomadas do exterior dos prédios. Já nos primeiros segundos de exibição, indica-se, oralmente e com créditos que acompanham várias tomadas, o local onde ocorreram as gravações, constando o nome do Município e o nome do Vale ao qual pertence, conforme se pode ver abaixo (veja-se figura 1):

Off/locutor:

(Seqüência 1) Um local onde a história da família Montagner se mantém viva atravessando décadas, se consolidando como uma das principais referências da arquitetura da cidade de Ilópolis, no Vale do Taquari. Construída no ano de 1918, essa residência contém em sua essência traços da colonização italiana.



Figura 1 – Créditos apontam o local das filmagens do programete. A mesma informação é mencionada pelo locutor, em *off*.
Fonte: Programete do *corpus exemplar* etnia italiana (ExA-I), seqüência 1.

É a fala do locutor, em *off*, que inicia cada emissão. Algumas vezes, a fala do depoente também fica em *off* por alguns segundos, imediatamente antes ou imediatamente depois de sua aparição na tela. De maneira geral, as gravações externas enfatizam a edificação, os jardins, os detalhes das aberturas, o telhado etc. As gravações feitas no interior do prédio priorizam aberturas internas, móveis, quadros, utensílios, detalhes na pintura das paredes etc. Os depoentes aparecem sempre sentados e, por causa dessa estratégia, tem-se a sensação de que eles(as) estão completamente à vontade e relaxados(as) no espaço seguro de sua propriedade. Na maior parte das edições, são filmados dentro de suas casas — com algumas exceções (veja-se figura 2). Como, em geral, não olham para a câmera, parecem estar conversando com alguém que não aparece. A *presença da equipe de produção* da emissora fica subentendida.

Depoente:

(Seqüência 4) [...] quando eu casei podia trazer minha mulher pra dentro de casa, viver com ela, e já faz trinta e poucos anos que estamos casados e morando aqui.



Figura 2 – Depoente é mostrado fora de sua residência, tendo-a ao fundo. Os créditos indicam seu nome e profissão. No canto inferior direito do vídeo, consta o logo do programete.

Fonte: Programete do corpus complementar etnia alemã (CA-A6), seqüência 4.

Pode-se dizer que, no tempo de 90 segundos, os programetes estudados reúnem histórias cujo início data da época da construção da casa e as quais se estendem até o momento presente. A construção e a manutenção das casas apresentam-se como o fio condutor do desenvolvimento da narrativa e da identidade discursiva engendrada pela produção: são as principais personagens de *Preserve o que é nosso*.

As cenas referidas a seguir pretendem simbolizar a passagem do tempo dessa história. A edição do programete apresenta a primeira seqüência de imagens em preto-e-branco, adquirindo cor no exato momento em que é exibida a tomada apresentada a seguir (veja-se figura 3).

Off/locutor:

(Seqüência 2) Construída pela família Ostercamp, vinda da Alemanha, esta casa em estilo enxaimel (Seqüência 3) guarda na sua arquitetura a coragem e a persistência dos imigrantes.



Figura 3 – Representação da passagem do tempo por meio de imagens: substituição da cena em preto-e-branco pela colorida.
Fonte: Programete do *corpus* exemplar etnia alemã (ExA-A), seqüência 2.

Temos que o caráter, pelo qual algo se torna reconhecível, é representado no programete pelas próprias edificações, as quais continuam estáveis e permanentes ao longo do tempo, ainda que tenham hoje outros moradores/proprietários e ainda que tenham sofrido alterações pelo uso. A identidade discursiva construída pela produção põe em cena a dialética entre a mesmidade e a ipseidade, mostrando novos moradores ocupando uma casa construída por antepassados. Ela se baseia no entrelaçamento das histórias dos moradores atuais e daqueles que a construíram, os imigrantes alemães e italianos. A preservação do monumento é descrita como a preservação de uma trajetória que busca fixar a noção de que é com ela que os atuais moradores se identificam (veja-se figura 4).

Off/locutor:

(Seqüência 8) Marcas que resistem ao tempo, **(Seqüência 9)** edificando 120 anos de história, passando de geração em geração o compromisso de valorizar e acima de tudo não deixar que o tempo apague a dedicação e o respeito por nossas origens.



Figura 4 – Imagem da residência preservada. Ela é tomada como parte da trajetória dos antepassados.
Fonte: ExA-A, seqüência 9.

Na narrativa construída pelo *Preserve o que é nosso*, parece haver uma predominância da valorização da identidade como mesmidade. Assim, a série buscaria chamar a atenção para elementos pelos quais ainda se faz possível reconhecer uma família ou um indivíduo como *um descendente de imigrante*.

O conjunto de elementos utilizados na cenografia da série permite diferenciá-la de outras séries de programetes e distingui-la no conjunto dos gêneros apresentados na RBS TV dos Vales. Torna-se, dessa maneira, um produto único, original e facilmente reconhecível. Nesse sentido, recorda Maingueneau (2005) que, enquanto alguns gêneros de discurso implicam cenas enunciativas estabilizadas, obedecendo às rotinas da cena genérica, outros têm a possibilidade de afastar-se de modelos preestabelecidos. Entendemos que esse último vem a ser o caso do *Preserve o que é nosso*. A cenografia da série supõe uma situação de enunciação progressivamente validada pela própria enunciação: “o que diz o texto deve permitir validar a própria cena por intermédio da qual os conteúdos se manifestam” (MAINGUENEAU, 2005, p. 88). Entendemos que a cenografia desenvolvida pelo programete coaduna-se com aquilo que seus produtores televisivos avaliam constituir as expectativas inerentes ao perfil de teuto e ítalo-brasileiros dos Vales do Rio Pardo e Taquari, e evoca, por um lado, a demonstração de cuidado com os bens do passado (veja-se figura 5) e, por outro, a permanência da presença de elementos pertinentes à identidade étnica de imigrantes e seus descendentes no Brasil.

Off/depoente:

[...] todo mundo gosta da casa, (Seqüência 6) gosta da casa mesmo que ela não tenha um modernismo das casas modernas de hoje, mas todo mundo adora vim (*sic*) pra cá nos fins de semana [...] quero que sempre fique alguém da família aqui morando [...].



Figura 5 – Cena que mostra bens do passado mantidos com cuidado. O programete mostra um viés educativo.
Fonte: ExA-A, seqüência 6.

Pode-se constatar, nas locações, a predominância da exibição de elementos que apontam para aspectos permanentes da representação da identidade imigrante, e esta, assim tomada, pode ser entendida como uma manifestação da mesmidade. A identidade discursiva é enfatizada por aspectos que pretendem resistir à passagem do tempo, mantendo em segundo plano ou sendo apagadas as marcas da renovação, da relação com outro ou da inovação, a ipseidade. Dessa maneira, a cenografia mobilizada pelo programete tenta captar o imaginário de sua audiência e atribuir-lhe uma identidade baseada na permanência do caráter étnico-imigrante (veja-se figura 6), elidindo outra perspectiva. A identidade discursiva constrói-se, portanto, sobre os vestígios deixados pela colonização européia e mantidos por sua descendência.

Off/locutor:

“No porão, espaço para o cultivo das tradições. **(Seqüência 5)** Como típicos italianos, o vinho, fabricado **(Seqüência 6)** artesanalmente, é degustado pela família e amigos que os visitam.”



Figura 6 – Cena que mostra elementos relacionados às tradições italianas. Barril de vinho.
Fonte: ExA-I, seqüência 5.

Tendo apontado esses aspectos gerais, apresentam-se, a seguir, algumas categorias eleitas para a análise dos programetes, como a isotopia, a espacialidade, a modalidade e a embreagem.

Isotopia: lugares que evocam outros espaços e tempos

Ao observar como a produção garante certa linearidade, permitindo uniformizar sua leitura, cabe destacar que essa linearidade perpassa, de modo mais ou menos freqüente, todas as emissões de nosso *corpus*, ainda quando tratando de diferentes versões sobre a mesma temática.²

Em primeiro lugar, destacamos que a busca pela homogeneidade do discurso passa pela instauração das residências restauradas como *lugares* que, por suas propriedades, evocam outros *lugares* e *tempos* na memória da audiência. A região é descrita como palco de uma história de colonização, classificando-a como diferente de outras regiões; o país de origem torna-se uma referência dos atributos daqueles que de lá partiram; a casa, em estilo enxaimel (ExA-A), aponta para a *origem* de seu modelo arquitetônico, ademais de considerar-se que, no momento atual, ela se consagra como um *lugar* de encontro familiar.

Por meio do *lugar de uma família*, o programete aponta para o *local geográfico* que é combinado, dessa maneira, com um *local histórico*. O *hoje* sempre se apresenta referido em sua relação com o *ontem*. O passado é o ponto de partida e o motivo pelo qual a casa, como localização espacial, adquire importância. E esse passado está registrado tanto por documentos formais, como cartas e escrituras, por exemplo, quanto nas evidências do imaginário local. Assim, quando a produção evoca o episódio da colonização, ela tenta evocá-lo de uma perspectiva que se pretende *histórica* e *geográfica*. É para esse lugar que o imaginário dos telespectadores é enviado a partir de *um lugar do hoje*, localizado nos Vales cobertos pela emissora televisiva.

Ao mostrar as residências restauradas, o programete parece designá-las como portadoras da propriedade de motivar deslocamentos de tempo e espaço no imaginário da audiência. A intertextualidade com outros discursos, referendam Greimas e Courtés, facilita esses deslocamentos:

Do ponto de vista do enunciatário, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambigüidades. Pode, entretanto, acontecer que a desambigüação se faça, por assim dizer, às avessas, por exemplo, no caso de uma leitura "intertextual" em que um texto se encontra encaixado em um discurso mais amplo. (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 247)

Faz-se pertinente contextualizar que, ao considerar o discurso do *Preserve o que é nosso* inserido numa série de discursos sobre a colonização e sobre o passado colonial muito

² De acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 245-246), a isotopia constitui-se daqueles elementos que tornam possível a leitura uniforme do discurso e "da resolução de suas ambigüidades que é orientada pela busca de uma leitura única". A isotopia designa, assim, os procedimentos que contribuem para a coerência de uma mensagem.

promovidos na região, pode-se inferir que a audiência carrega consigo a competência de reconhecer e avaliar as isotopias exibidas pela produção. Destacamos algumas cenas que, possivelmente, não apresentariam ambigüidades diante do olhar do telespectador local se ele fosse solicitado a identificar aquelas que poderiam representar *o passado* (veja-se figura 7).

Off/locutor:

(Seqüência 4) Além da casa, fotos, móveis e utensílios domésticos são preservados para que a história se mantenha viva e possa ser passada para outras gerações.



Figura 7 – Imagem de quadro antigo. O nível verbal reforça que, pela preservação dos objetos, a história se mantém viva.
Fonte: Programete do *corpus* exemplar etnia italiana (ExA-I), seqüência 4.

Dessa maneira, o plano da identidade discursiva instaurada pelo programete relaciona-se com uma temporalidade que remete ao passado e, em geral, a lugares pertencentes a esse passado, rememorados por meio da produção televisual. A audiência é levada a acomodar-se como parte resultante da história e das etnias que conformaram multiplamente a sociedade da região.

Referência à espacialidade como estratégia de captação

As estratégias de captação são usadas para seduzir ou persuadir o parceiro da troca comunicativa de maneira que ele (ou a audiência) partilhe intenções, emoções e valores.

Entendemos que as constantes referências à espacialidade geográfica, considerada como um elo que interliga um *nós*, fazem parte de uma determinada estratégia de captação do *Preserve o que é nosso*. Esse *nós* buscaria designar não uma soma de indivíduos, mas um sujeito coletivo: “de uma forma geral, a pessoa verbal no plural exprime uma pessoa amplificada e difusa” (BENVENISTE apud MAINGUENEAU, 2005, p. 127). No caso do programete, essa pessoa amplificada e difusa pode ser qualquer um que conserve certa identificação com a história da imigração ou com a etnia dos colonizadores, ou tenha apreço por edificações

antigas, pelo estudo das culturas e pela história de modo geral, ou simplesmente valorize seu espaço geográfico, considerando-o particular e diferenciado de outros.

Este último é o aspecto que mais nos interessa ao observar-se que a localização espacial das edificações é parte constitutiva da identidade discursiva engendrada pelo *Preserve o que é nosso*. Uma das estratégias utilizadas é a citação sistemática: a) do Vale do Rio Pardo *ou* do Vale do Taquari; b) do Município onde o programete foi gravado (e quando se trata de edificação construída na zona rural dos Municípios), c) da localidade correspondente (veja-se figura 8). Seguramente, essa estratégia colhe seus frutos ao garantir captação publicitária, ainda que para outros produtos da programação da emissora.

Off/locutor:

(Seqüência 1) Um marco que ultrapassa gerações e mantém consolidada a história da família Fensterseifer *da localidade de Linha Wolf, Município de Estrela, no Vale do Taquari*. (Seqüência 2) São décadas de lembranças preservadas nesta residência, que guarda traços da requintada arquitetura alemã.



Figura 8 – Créditos exibem o local das filmagens. Operação faz parte da estratégia de captação do programete. Fonte: CA-A6, seqüência 2.

O cenário das gravações é revelado e destacado de modo que fique absolutamente claro que se trata de uma produção local e não de uma produção regional ou nacional. Essa operação precisamente ganha reforço de outra estratégia: a utilização *em off*, na narração, da pessoa verbal no plural: “*nossa história, nossas origens, nossos colonizadores, nossa região, nosso povo*”.

O ato de circunscrever uma região, por estar baseada no reconhecimento da autoridade que a constituiu, “*produz a existência daquilo que enuncia*”, frisa Pierre Bourdieu (2004, p. 114). A região passa a ser algo naturalizado e consagrado.³ Nesses termos,

³ Pierre Bourdieu (2004) chama a atenção para o fato de que os critérios de identidade regional, como a língua ou o sotaque, são, em grande parte, atos de percepção e *apreciação*, de conhecimento e de *reconhecimento* – ou seja, são representações mentais. O autor lembra que a definição de uma região não obedece a classificações naturais, mas ocorre por uma decisão – tomada por alguém investido de autoridade – que rompe com a continuidade, por exemplo, de um território.

consideramos que o discurso do *Preserve o que é nosso* é um discurso *performativo*: pretende, mais do que impor como legítimas as fronteiras geográficas da região onde atua, *fazer reconhecê-la como diferente* de outras regiões. E essa diferenciação é produzida pela convocação do episódio da colonização européia.

E se a eficácia do discurso performativo é proporcional à autoridade daquele que o enuncia, como propõe o autor, então precisamos reconhecer que a emissora de Santa Cruz do Sul — porque ligada à Rede RBS TV e, conseqüentemente, à Rede Globo e a toda a lógica midiática que tem ampla inserção no cotidiano social — tem o reconhecimento necessário para assumir esse papel de autoridade.

Modalização: chamamento à mesmidade

Dizem Charaudeau e Maingueneau (2006, p. 336) que a modalização “designa a *atitude* do sujeito falante em relação ao seu próprio enunciado, atitude que deixa *marcas* de diversos tipos”. Na produção estudada, o enunciador é uma emissora televisiva que se utiliza de um locutor — com voz em *off* —, da fala de depoentes e de cenas captadas nos arredores e interior das residências para enunciar seu discurso. Dessa maneira, buscamos analisar a relação da produção com seu próprio enunciado e com sua audiência, procurando verificar qual é sua *atitude* em relação ao destinatário e ao conteúdo de seu enunciado. E constatamos que as imagens reforçam o nível verbal, na medida em que o locutor exalta as restaurações que preservam os formatos originais, a reutilização de peças, o cuidado com mobiliário e utensílios etc. (veja-se figura 10).

Off/locutor:

(Seqüência 4) O telhado chama a atenção, totalmente reconstruído em madeira no formato original.



Figura 9 – Tomada de telhado reconstruído em formato original. O locutor chama a atenção para o fato, tornando-o relevante.
Fonte: Programete do *corpus* complementar etnia italiana (CA-16), seqüência 4.

Conforme já foi apontado, as estratégias de convocação dos telespectadores no programete são, na maioria das vezes, sustentadas por elementos que distinguem a etnia, a área geográfica e sua história. A população da região dos Vales é enaltecida em nome das famílias que aparecem nas diferentes emissões — elas são referidas como uma parte inseparável de *nossa região*. A explicitação verbal da alusão às características dos grupos de uma e outra etnia é outra estratégia de convocação dos telespectadores, considerando que boa parte da população dos Vales identifica-se com uma ou outra etnia predominantemente. O tom de proximidade caracterizado pela produção permite que a audiência faça uma visita à intimidade das famílias, as quais abrem as portas de suas casas e mostram os asseados cômodos; um apelo ao *voiyerismo* dos telespectadores.

O formato do programete também pode ser mencionado como uma estratégia de interpelação dos telespectadores. Há produção de tomadas bem enquadradas de lugares agradáveis, mostradas com acompanhamento musical instrumental. O tom de leveza é predominante nesse aspecto. E, assim, a identidade discursiva é construída, por um lado, com base em elementos de regularidade e formalidade no que diz respeito às referências à história da colonização e, por outro, pelos tons de proximidade e leveza com os quais os programetes operam, ou seja, é com um estilo marcado pela beleza das locações, leveza e proximidade que o programete procura convocar sua audiência.

Operações de embreagem e inserção no fluxo televisivo

Para finalizar nossa análise, trazemos a categoria de *embreagem*, em uma tentativa de entender a relação que se constrói entre o breve programete e o fluxo televisivo, e como essa relação, por sua vez, integra o que chamamos de ipseidade, ou seja, como ela possibilita que a presença do outro entre na constituição do si.

José Luiz Fiorin (2002) aponta, com base em Greimas e Courtés (1979), que a embreagem é um dos mecanismos de instauração das categorias de pessoas, espaços e tempos no enunciado. O autor explica que o mecanismo de embreagem não pertence a uma ou outra língua ou linguagem, mas pode expressar-se de maneira diferente de uma língua ou linguagem para outra. A embreagem “desreferencializa o enunciado que ela afeta” (FIORIN, 2002, p. 52).

Se tomarmos o *Preserve o que é nosso* contido estritamente no contexto do fluxo televisivo da rede nacional, no qual outras identidades ganham espaço, podemos dizer que esse fluxo implica operações de embreagem que articulam um jogo entre o nível nacional e o local. Ou seja, junto daquela baseada na micro-história da colonização da região específica dos Vales do Rio Pardo e do Rio Taquari, trazida pela emissora local, surgem na tela outras narrativas marcadas simbolicamente por sua proveniência em maior ou menor intensidade de contextos estaduais e nacionais. Estas, por um lado, têm o poder de desreferencializar a mensagem do programete ou, por outro, também podem facultar desreferencializar as mensagens da rede interpretadas como um enunciado uniforme que prioriza a ordem simbólica do nacional.

Assim, quando tomamos como base a série *Preserve o que é nosso*, acreditamos que a inclusão do *outro*, da ipseidade, ocorre principalmente pela inserção dessa produção local no *fluxo* televisivo. Se, no interior da produção, a perspectiva da mesmidade étnica é privilegiada, esta é desreferencializada em meio a tantos *outros*, que são também privilegiados no espaço da mesma tela de tevê. Esta promove, dessa maneira, negociações entre a identidade *idem* e a identidade *ipse*, na medida em que desloca significados dentro do *fluxo* televisivo, evidencia o novo em um momento e o antigo em outro, promove o esquecimento, recupera coisas esquecidas ou ainda aventa futuros possíveis.

Uma ambigüidade revelada pela dialética *idem-ipse* no programa estudado consiste em que, da perspectiva teórica, a ipseidade é tratada como uma singularidade, enquanto a mesmidade tende à universalização, por seu caráter assentado. *Preserve o que é nosso*, no entanto, pode revelar também uma antítese. Vejamos como.

A narrativa da *colonização do novo mundo*, ao constituir-se numa espécie de singularidade da identidade étnica europeia *original*, opera na fixação da identidade discursiva contida na épica dessa narrativa. Dela provêm os elementos que assentam o caráter europeu da região sul-brasileira e as referências abusivas que o programete realiza, definindo sua proposta internamente como alinhada com uma perspectiva identitária da mesmidade.

Ela se apresenta (e desconsiderando o quanto essa perspectiva de mesmidade pode ser depreciada por europeus da atualidade), no entanto, também como um processo de ipseidade ao ser considerada dentro do *fluxo* televisivo, pois este, por sua vez, trabalha intensamente com o *outro* no cotidiano da audiência. Uma das propriedades do *fluxo* de programação seria o de trazer a outredade propriamente para dentro do cotidiano familiar.

Um outro aspecto a ponderar é o de que, se considerarmos a categoria de *espaço* — cuja importância está bem marcada no produto que estudamos — e se levarmos em conta que a identidade se faz na contínua relação com o *outro*, podemos dizer que a inserção da produção local no *fluxo* televisivo promove uma neutralização entre o *alhures* (que poderia ser o resto do Estado e do Brasil e a programação da cabeça-de-rede) e o *aqui* (a região dos Vales e a emissora da RBS local), e o faz em benefício no momento da veiculação do segundo. Para os telespectadores locais, como diz Fiorin (2002, p. 53), “o *aqui* cultural adquire identidade em relação ao *lá*”.

O multiculturalismo na grade de programação

Resta dizer, por fim, que a inserção do programete no *fluxo* televisivo coloca em evidência e traz à luz, de maneira irretocável, o peso que uma negociação identitária adquire quando se considera uma audiência multicultural. As negociações envolvem ainda considerar os conflitos de interesses manifestos nas grades de programação entre a emissora local, sua articulação em nível regional (ou estadual — rede RBS) e a cabeça-de-rede nacional (Rede Globo).

Procuramos observar, por diferentes abordagens e categorias, de que forma as perspectivas da identidade-*idem*, ou mesmidade, e da identidade-*ipse*, ou ipseidade, entram em negociação no *Preserve o que é nosso* para a construção de uma identidade discursiva baseada nas narrativas sobre o episódio da imigração de uma área específica. Centrada em um determinado produto, produzido e veiculado em nível local, nossa análise esteve voltada a uma identidade discursiva que faz sentido nesse contexto. Acreditamos, porém, que a leitura que fizemos é apenas uma das possíveis, especialmente porque o potencial da televisão como construtora de identidades não se limita ao *corpus* que escolhemos, mas marca toda a programação local, regional e nacional, em diferentes graus e priorizando distintos aspectos de diferentes identidades. Um fenômeno que vem merecendo crescente atenção de estudiosos de várias regiões brasileiras e estrangeiras.

Referências

- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos (2004). *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. São Paulo: Summus.
- BARBOSA, Marialva (2005). Jornalismo e a construção de uma memória para sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom.
- BARTH, Fredrick (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues (2001). *TV Regional: trajetória e perspectivas*. Campinas: Alínea.
- BOURDIEU, Pierre (2004). A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (2006). *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- DARTIGUES, André (1998). Paul Ricoeur e a questão da identidade narrativa. In: CESAR, Constança Marcondes (Org.). *Paul Ricoeur: ensaios*. São Paulo: Paulus.
- DUARTE, Elizabeth Bastos (2004). *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan (2001). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.
- FIORIN, José Luiz (2002). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática.
- FONTANILLE, Jacques (2005). *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Porto Alegre: Sulina.
- GENETTE, Gerard (1995). *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Veja. (Coleção Vega Universidade).
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph (1979). *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- GRUPO RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação. Disponível em: <<http://www.rbs.com.br>>. Acesso em: 5 out. 2006.

HUYSEN, Andréas (2000). *Seduzidos pela memória*: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano.

JOST, François (2004). *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina.

_____ (2007). Para além da imagem, o gênero televisual: proposições metodológicas para uma análise das emissões de televisão. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. *Televisão: entre o mercado e a academia II*. Porto Alegre: Sulina.

MAINGUENEAU, Dominique (2005). *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

REDE GLOBO. Disponível em: <<http://www.redeglobo.com>>. Acesso em: 6 nov. 2006.

RICOEUR, Paul (1991). *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus.

RIESSMAN, C. K. (1993). *Narrative Analysis*. Londres: Sage.

SCHNEIDER, Jens (2004). *Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional*. *Mana*. [on-line]. Abr. 2004, v. 10, n. 1 p. 97-129. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000100004&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-9313. Acesso em: 8 abr. 2006.

ADRIANA STÜRMER é mestra pelo programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Assessora de pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul.

adri@unisc.br

ADA CRISTINA MACHADO DA SILVEIRA é professora dos programas de pós-graduação em Comunicação (linha de pesquisa de mídia e identidades contemporâneas) e Extensão Rural (linha de pesquisa de processos de inovação social e tecnológica) da Universidade Federal de Santa Maria.

ada.machado@pq.cnpq.br

*Artigo recebido em 15 de maio de 2008
e aprovado em 10 de junho de 2008.*

